

Guerra Santa



Da Idade Média

à

Idade Contemporânea



**Maria Betânia Leal
Anderson Brettas**

Sumário



- INTRODUÇÃO 3
- LINHA DO TEMPO HISTÓRICA 4
- O QUE É IDADE MÉDIA? 4
- O QUE É IDADE CONTEMPORÂNEA? 4
- POR QUE O HOMEM FAZ GUERRA? 7
- O QUE FORAM AS CRUZADAS? 12
- O QUE É A JIHAD? 16
- CONCEITO DE GUERRA SANTA 21
- AFINAL, EXISTE GUERRA SANTA NA
IDADE CONTEMPORÂNEA? 23
- REFERÊNCIAS 28



Introdução

Certamente, em algum momento da sua vida, você estudou sobre alguma história, seja de uma civilização, de um país, de um personagem histórico famoso... ou já quis saber quando surgiu determinado objeto e cultura... ou ainda pesquisou sobre uma receita, uma pintura que viu... ou até mesmo já soube de alguma história através da literatura, da música e das artes em geral.

Sim, a História está em tudo! A todo momento ela é construída, e é importante saber que somos seres constituídos pelas histórias passadas e do legado que elas nos deixam. Por isso, a História não é só sobre o passado, ela também é sobre o presente. Compreender como chegamos até aqui, qual a nossa origem, quais valores carregamos, no que acreditamos e o que consideramos certo ou errado também pode ser explicado pela História.

Com isso, o objetivo desta cartilha é fazer uma reflexão sobre o passado e o presente mediante um evento histórico chamado Guerra Santa. Em outras palavras, objetiva-se compreender o que foi esse evento no período da sua origem, ou seja, na Idade Média, e de que modo o seu discurso permanece vivo em algumas sociedades atualmente, isto é, na Idade Contemporânea.

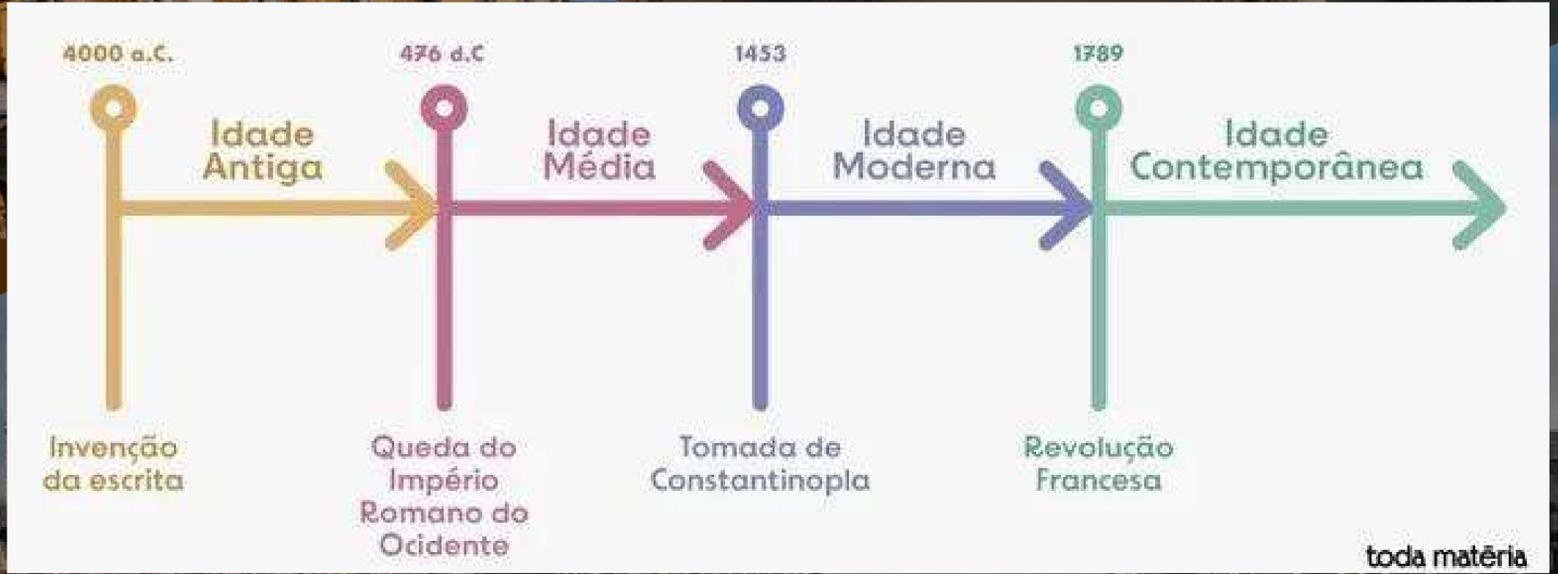
Para isso, faremos uma viagem no tempo, quer dizer, uma viagem na História. Entendendo, inicialmente, sobre esses dois períodos históricos; depois partindo para qual o sentido da guerra, o que foram as Cruzadas e a Jihad, conceituando a Guerra Santa; e, por fim, verificando a existência dessa guerra, e o que sobrou dela no período contemporâneo.

O intuito é entender a origem de alguns discursos e narrativas presentes na atualidade, tanto por políticos e personalidades quanto pelas pessoas comuns, em que se pretende validar apenas uma religião, cultura ou grupo, além de impor padrões e decretar sempre um inimigo a ser derrotado. Através dessa viagem ao passado, buscaremos respostas sobre a origem desse conflito e também desse suposto inimigo a ser combatido.

**Desejo a todos
uma ótima leitura!**



LINHA DO TEMPO DA HISTÓRIA



O QUE É IDADE MÉDIA?

Segundo a história tradicional, o período da Idade Média tem início a partir da queda do Império Romano do Ocidente, em 476 D.C., no século V, e se estende até o século XV, com a tomada da cidade de Constantinopla, na atual Turquia. O período é geralmente dividido entre Alta Idade Média (do século V ao século XI) e Baixa Idade Média (do século XI ao século XV).

O QUE É IDADE CONTEMPORÂNEA?

A Idade Contemporânea é fruto de uma divisão cronológica da história, compreendendo o período entre o início da Revolução Francesa, com a Queda da Bastilha, em 14 julho de 1789, no século XVIII, e se estendendo até os dias atuais.

Mesmo sendo uma visão eurocêntrica, essas divisões são validadas e utilizadas como meios para facilitar os conhecimentos históricos.

Curiosidades Da Idade

Média

É nela que ocorrem os seguintes acontecimentos: a expansão dos povos germânicos; a criação de grandes impérios (como o Carolíngio); o surgimento do feudalismo e da relação entre vassallos e suseranos; a expansão da religião cristã; o fortalecimento de uma das instituições mais poderosas da Idade Média (a Igreja Católica Apostólica Romana); a criação de pequenos reinos; o surgimento da religião islâmica; a formação das pequenas cidades e de novos agentes da sociedade (camponeses, artesãos etc.); as Cruzadas; a expansão do comércio; a temida Peste Negra, entre outros.

- Como vimos, a Idade Média corresponde a um longo período da história. Foi também uma temporalidade em que o uso das guerras foi utilizado como instrumento de atualização dessas relações sociais e como um elemento cultural nato a esse tempo.
- Este período é marcado por mistérios, mitos e lendas, como a ideia da existência de dragões, seres místicos e poderes sobrenaturais, podendo trazer uma perspectiva em que as histórias soem irreais ou questionáveis na atualidade.
- A Idade Média também é erroneamente caracterizada como o período das “trevas, obscuro, mediano”, como se nada do que ocorreu nesta época fosse aproveitado nos outros períodos históricos.
- No entanto, é possível ver o legado desse período em vários momentos: nas construções arquitetônicas, na absorção da cultura de outros povos (proveniente do contato entre o Ocidente e do Oriente), e, principalmente, a instituição da Igreja e da religião cristã por meio dos seus mandamentos, valores e narrativas que perpassaram por todos esses anos.
- Deste modo, apesar de todas as mudanças ocorridas dentro da própria Igreja, podemos ver que os seus fundamentos basilares são usados nos dias de hoje não só para afirmar a religião, mas para direcionar comportamentos, falas, valores e costumes. Em outras palavras, a sua presença é sentida em várias outras áreas da vida.

Curiosidades Da Idade Contemporânea

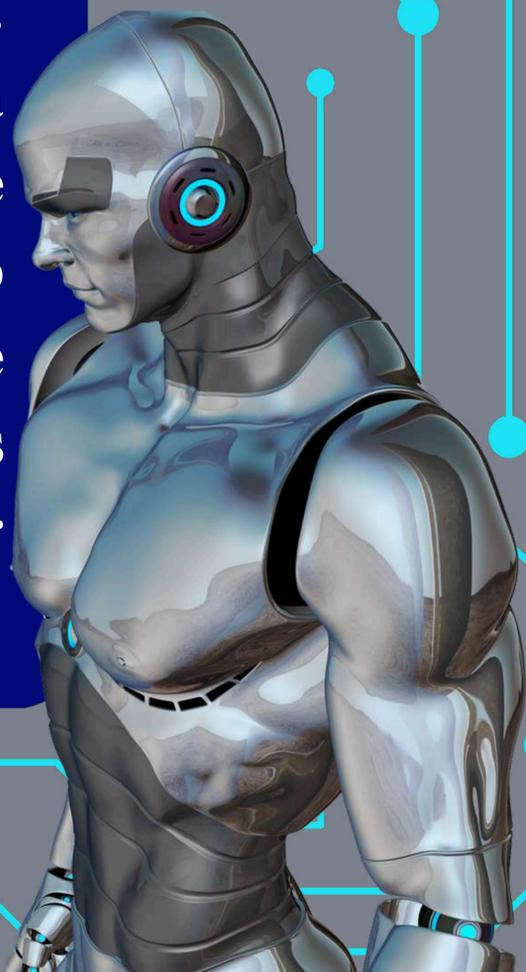
É nela que ocorre os seguintes acontecimentos: a consolidação da burguesia e do capitalismo como modo de produção cuja expansão se deu por quase todos os países do planeta entre os séculos XVIII e XXI (ou seja, até os dias atuais); a Revolução Russa de 1917, evento que estoura como reação aos abusos da aristocracia russa, mas também ao cenário político e econômico promovido pelo capitalismo; a crise do capitalismo, como a chamada Crise de 1929; as duas Grandes Guerras Mundiais que impactaram o mundo de maneira inédita e causaram milhões de mortes; atrelado às Grandes Guerras, houve a destruição de muitos territórios e a ascensão dos regimes autoritários fascistas e nazistas; a Guerra Fria; movimentos sociais; criação e desenvolvimento da tecnologia e, conseqüentemente, da globalização, entre outros.



Mesmo diante de tantos avanços desenvolvidos nas várias áreas da vida - como na facilidade comunicacional, na praticidade do dia a dia, nos infinitos recursos advindos da tecnologia, bem como os direitos individuais e coletivos, além das melhorias nas condições de trabalho e na saúde - é importante lembrar que nossa sociedade atual ainda é repleta de problemas.

Apenas para citar alguns exemplos, ainda há muita desigualdade social, miséria, assim como discursos e condutas discriminatórias e excludentes que visam padronizar princípios e valores da nossa sociedade.

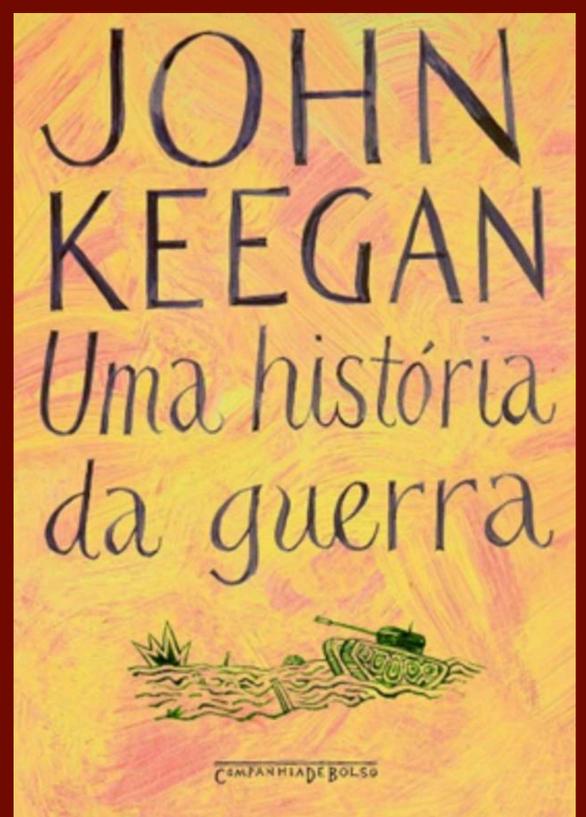
Por isso, precisamos conhecer a nossa História para que os indivíduos se sintam pertencentes a ela enquanto agentes de transformação e participação, e para que os erros cometidos no passado não voltem a ser feitos e aceitos novamente.



POR QUE O HOMEM FAZ GUERRA?

O historiador britânico John Keegan (2006) é um famoso estudioso e especialista em guerras. No livro *Uma história da guerra*, ele traz suas indagações e assertivas acerca do papel do homem na guerra. O autor questiona se ela é intrínseca a ele, isto é, se ela faz parte realmente da natureza do homem, ou se ela foi desenvolvida e aprimorada pelas necessidades do próprio instinto de sobrevivência humano. As duas justificativas para a guerra são as seguintes: A primeira é a concepção materialista, na qual o homem lutaria por fatores e conquistas materiais. A segunda é pautada na concepção naturalista, na qual acredita-se que homem é naturalmente violento.

PARA
REFLETIR



As transformações realmente apenas acontecem através do conflito físico ou bélico de um indivíduo para com outro indivíduo ou um grupo para com outro grupo? Por que o homem possui o comportamento violento? Sabendo que o conflito e a guerra geram morte, seria o desejo da guerra eliminar o combatente? Por que o homem mata outro homem? Isso é um desejo ou uma necessidade? (Keegan, 2006).

VOCÊ SABIA?



Em 1986, a Universidade de Sevilha promoveu um encontro em que os presentes concordaram com a Declaração da UNESCO sobre Raça, negando definitivamente a ideia de que o homem seja naturalmente violento. Todo o discurso que envolve a história do homem desde a Idade da Pedra, pregando que seu comportamento e sua evolução se deu por conta da violência, também foi negado. Essa declaração foi aceita por um grupo de antropólogos.

No entanto, em 1949, o antropólogo Harry Turney-High havia reconhecido o papel da guerra dentro da Antropologia. Talvez o interesse pelo assunto tenha surgido, pois, em 1942, ele teve a experiência de fazer parte do serviço militar e, por isso mesmo, acreditava que muitos povos primitivos já carregavam consigo uma característica "pré-militar". Ele ainda complementava que a guerra sempre fez e sempre fará parte da atividade humana.

Para Turney-High, a modernidade só foi atingida devido a vários processos de guerras, assim como o Estado, que surgiu depois da guerra que ele intitulava como "guerra primitiva", e somente na transição dessa guerra para o que ele conceituou de "guerra civilizada" é que surgiu a modernidade e os exércitos oficiais.

Em 1967, a Associação de Antropologia dos Estados Unidos reconheceu a teoria de Turney-High de que os homens primitivos, de fato, também usavam seus instrumentos como uma forma de guerrear, ou seja, a Associação aceitou que é desse período que surgem as primeiras guerras. Porém, sabemos que a tecnologia, de certa forma, interfere nas relações sociais, e o uso desses instrumentos primitivos (como a lança e o arco e flecha) são limitados, ao mesmo tempo que eles também determinam o teor do combate. Isso gerou um debate no qual muitos acreditavam que a guerra havia se desenvolvido somente com a invenção da metalurgia, e que necessariamente os instrumentos materiais que a guerra utiliza podem determinar sua profundidade.

O QUE É ANTROPOLOGIA?
o estudo do homem como ser
biológico, social e cultural

Eventos

Bélicos

Os eventos bélicos, de modo geral, a exemplo das duas Grandes Guerras Mundiais que aconteceram no século XX, praticamente forçaram os antropólogos a estudar as constituintes e os elementos da guerra, e, em consequência disso, a identificar no homem primitivo os indivíduos guerreiros.

As teorias matemáticas, assim como os novos conceitos ecológicos, também tiveram certa contribuição. Nos jogos, a questão do raciocínio lógico, da disputa entre o vencedor e o perdedor, assim como as estratégias, foram elementos utilizados para compreender e investigar essas perspectivas dentro da guerra. Já no campo ecológico, a produção e o consumo da sociedade dentro de uma região, assim como a relação de crescimento no número de indivíduos dentro da sociedade, são fatores que levam à competição, e essa mesma promove o conflito.

PARA REFLETIR

Diante disso, seria a competição o motivo real da guerra, ou a própria guerra se faz para diminuir a população?

A guerra não é a mesma em todos os lugares, ela nem sempre tem os mesmos motivos ou as mesmas intenções. Assim como o homem, a guerra também dispõe de uma cultura, e essa pode ser responsável pelos desenvolvimentos de cada região que tem o seu estilo próprio de guerrear.

POR EXEMPLO:

Historicamente, os métodos utilizados pela China para guerrear são indiscutivelmente diferentes do modelo ocidental. Porém, essa cultura pode ser alterada (as próprias relações no momento da guerra podem fazer com que os grupos participantes a absorvam ou a excluam nos combates), assim como nos homens, aliás, o homem está inserido e ele é fruto dessas culturas.

O Islã é conhecido pelas suas conquistas por meio da guerra, conhecida como “guerra santa contra os infiéis”, porém, essa concepção sempre é compreendida de forma distorcida fora do ambiente islâmico. A era das conquistas do Islã foi relativamente curta. Um dos motivos é que os inimigos do Islã aprenderam suas táticas, e, dentro do próprio Islã, houve uma divisão sobre a guerra e sua moral. No momento em que o Islã resgata o modelo de um líder geral para o combate, não aceitava adaptar suas batalhas de acordo com as circunstâncias, logo, o modelo islâmico de guerrear acabou sendo insuficiente, assim como o da China.

O modelo de guerra ocidental, quando comparado com os modelos do Oriente e Oriente Médio, não tinha uma cultura de guerra tão restritiva assim, e é por conta disso que ele absorve muitas lições dessa região, ou melhor, dizendo, reúne o seu método de guerra com o oriental e cria uma nova forma potente de combate.

CONCLUSÃO

CONCLUSÃO

A ciência ainda não é capaz de prever quando e como um indivíduo vai fazer uso da violência, e muito menos explicar porque os indivíduos se juntam para lutar uns contra os outros.

Ainda não existe uma resposta totalmente segura e científica para essa questão.

O QUE FORAM AS CRUZADAS?



Cruzada é o nome dado às expedições organizadas pela Igreja Católica Apostólica Romana entre os séculos XI e XIII. Segundo a história tradicional, as Cruzadas tiveram início diante do pedido do papa Urbano II, em 1095, no Concílio de Clermont, na França, de uma expedição para retomar a “Terra Santa” (Jerusalém), que estava sob o domínio dos Turcos Seldjúcidas - um povo que, neste momento, já havia se convertido ao islamismo, sendo considerado “infiel” (esse era o nome dado pela Igreja aos islâmicos).

O discurso do papa, então, seria a retomada do local sagrado da religião cristã, que outrora já havia sido uma região composta predominantemente por cristãos. Segundo o Cristianismo, é lá onde está localizado o Santo Sepulcro (local onde Jesus Cristo foi crucificado, sepultado e, depois de três dias, ressuscitado).

Segundo alguns registros, durante o discurso do papa no Concílio, ele, enquanto representante máximo da Igreja, prometeu a salvação de todos aqueles que morressem na batalha contra os “infiéis”. Por isso, as expedições consideradas Cruzadas, além de serem militares, também eram penitências.

O QUE FORAM AS CRUZADAS?



Além do seu caráter religioso e de peregrinação, as Cruzadas também acabaram sendo interessantes para outros grupos do período, além dos clérigos e dos cristãos. A nobreza, por exemplo, se viu diante de uma oportunidade para além de recompensas espirituais. Os outros grupos incluíam camponeses, cavaleiros sem muito prestígio, mulheres, crianças, mendigos e idosos.

À medida que as expedições aconteciam, mais grupos de pessoas passaram a participar desse movimento. Deste modo, talvez seu sentido inicial tenha sido, de fato, a perspectiva religiosa e a reconquista do local sagrado da religião cristã, Jerusalém, no entanto, com o passar do tempo, esse movimento se tornou essencial para aqueles que queriam mudar de vida.

A quantidade de Cruzadas, por exemplo, não pode ser confirmada exatamente. Segundo a historiografia, o que se sabe é que não há nenhuma possibilidade de quantificar com exatidão.

Vale lembrar também que Jerusalém é um lugar sagrado para as principais religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.

Ademais, além de desejarem expandir os seus territórios, os islâmicos também estavam naquela região porque acreditavam estar no seu território sagrado.

O QUE FORAM AS CRUZADAS?



As Cruzadas advindas da Idade Média acabam no século XIII. As consequências são muitas, mas é importante lembrar que seu objetivo inicial, a reconquista do local sagrado, não foi concretizada.

Do ponto de vista comercial e cultural, as Cruzadas trouxeram transformação para a Europa medieval após o contato com esses povos, além do aumento do comércio e da descoberta de novos produtos, houve uma troca cultural e científica vinda principalmente dos povos árabes. Os europeus souberam aproveitar bastante esse contato, ao ponto de se aprimorarem e se sobressaírem sobre os demais povos no mundo moderno.

Esse conflito também é conhecido por muitos especialistas como Guerra Santa. Nos tópicos adiante, veremos quais critérios uma guerra precisa ter para ser considerada santa e se, de fato, as Cruzadas podem ter este conceito.



O QUE É HISTORIOGRAFIA?
refere-se à metodologia e
às práticas da escrita da história

VALE A PENA

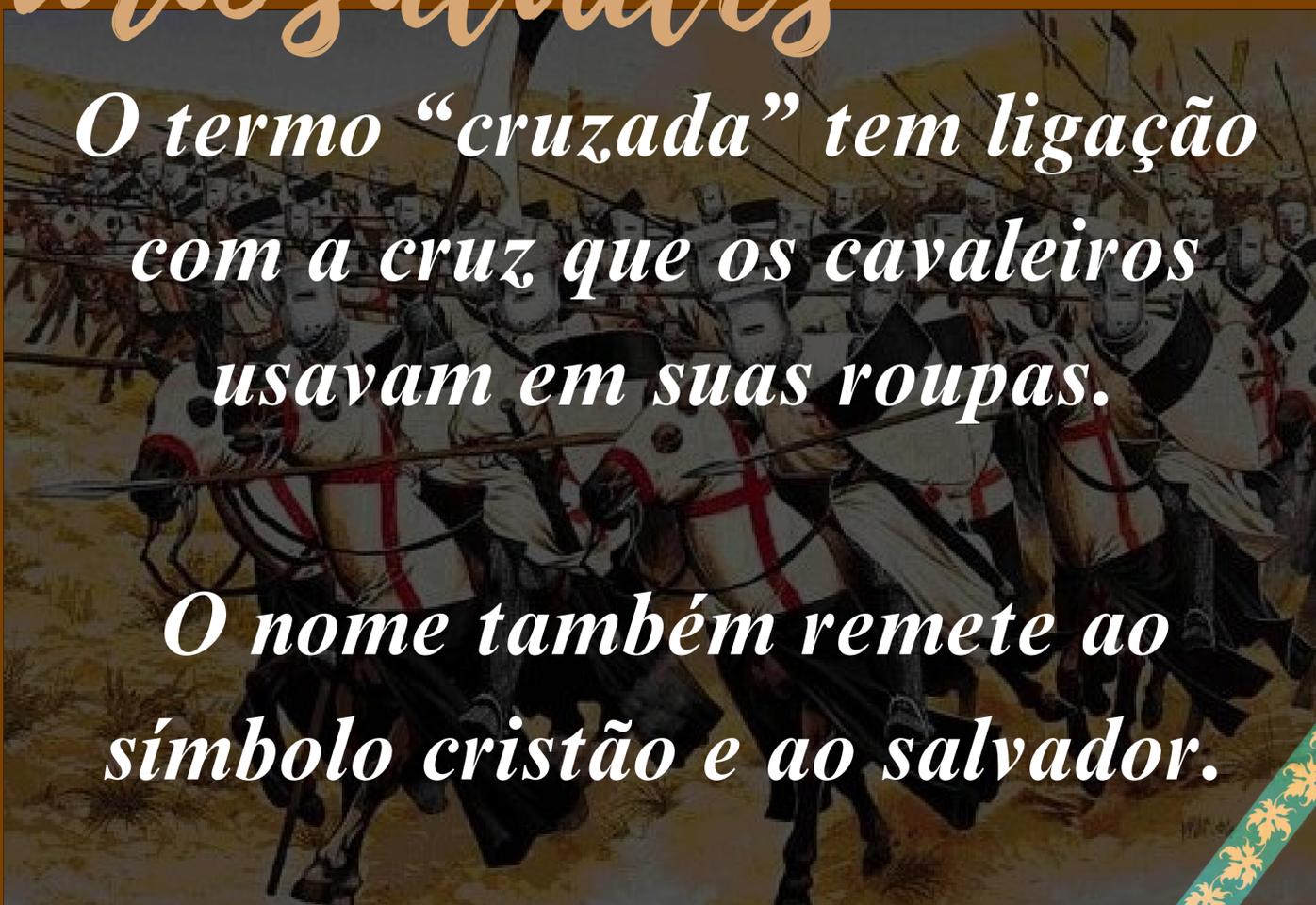
SABER!

De acordo com os especialistas Christopher Tyerman (2011) e Jean Flori (2013), as Cruzadas, inicialmente, foram escritas por clérigos e cronistas do período, além de existirem registros dos viajantes dessa expedição. Os registros eram valiosos, pois direcionavam toda uma sociedade. No entanto, o sentido e a narrativa das Cruzadas foi se alterando durante o tempo, principalmente pela necessidade de justificar algum conflito. Os autores citam, por exemplo, as noções de progresso e civilização contidas em eventos históricos, como na Revolução Francesa, no Imperialismo, na Primeira e na Segunda Guerra Mundial, bem como na criação do Estado de Israel, entre outros. Além disso, seu sentido sempre está interligado na derrota de algum inimigo em comum, sejam “infiéis” da religião cristã ou aqueles que podem oferecer algum perigo à supremacia dos valores ocidentais. Na atualidade, esse discurso está bastante presente na política, principalmente em grupos considerados de direita. Veremos mais sobre isso nos próximos tópicos.

Curiosidades

O termo “cruzada” tem ligação com a cruz que os cavaleiros usavam em suas roupas.

O nome também remete ao símbolo cristão e ao salvador.



O QUE É A JIHAD?

Para compreender a Jihad é importante compreender a história da religião islâmica. Ela tem início no Oriente Médio, no século VII, especificamente na Península Arábica, em Meca, quando um homem chamado Maomé começa a convocar a população, cuja maioria era, até então, politeísta ou cristã, para aceitar a submissão de um único Deus. Maomé seria, portanto, o profeta, o escolhido por Deus para transmitir os seus ensinamentos e a sua palavra.

Curiosidade

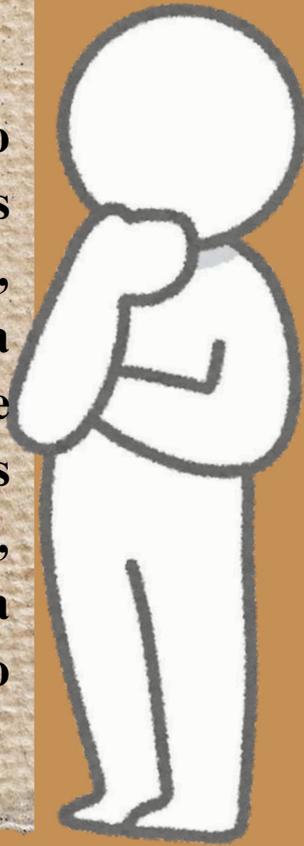


A religião islâmica não desmerece a religião cristã, ao contrário, ela reconhece a sua influência na vida e nos ensinamentos do profeta Maomé. Na verdade, o Islã não acredita que o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo sejam religiões diferentes, pois todos acreditam na religião de Deus, e essa foi atualizada durante o tempo. Então, para o Islã, o primeiro contato de Deus foi através da religião judaica, passando pela religião cristã, e chegando ao islamismo, que seria a última etapa de revelações. Por isso, a religião islâmica é considerada por eles como a verdadeira, assim como os seus ensinamentos, e, conseqüentemente, deveria ser levada para toda a humanidade.

! Você sabia?

Após a morte de Maomé, houve no Islã uma imensa discussão para saber quem seria seu substituto. Nesse momento, o Islã se divide entre duas vertentes: a vertente sunita, que se baseia nos ensinamentos do profeta e queria como líder alguém que tivesse vivido próximo a Maomé; e a vertente xiita, que queria alguém com uma linhagem sanguínea do profeta, e esse seria Ali, primo e genro de Maomé.

Em meio a essa falta de consenso, a expansão do islamismo ficou comprometida. Evidentemente, muitos lugares aceitaram o Islã por meio das suas campanhas de divulgação, porém, em outros momentos, essa expansão se deu de forma violenta, com o uso de armas, o que resultou na perda de vidas. Muitos acreditam que o próprio Islã possui vertentes violentas com base nos seus próprios ensinamentos, ou seja, acreditam que o livro sagrado induz os fiéis a utilizarem da violência como um meio de expansão da religião. O termo Jihad é muito usado para designar essa ação.



PARA REFLETIR

Podemos falar que a história do Islã foi agressiva?
O seu livro sagrado, o Alcorão, tem princípios violentos? Os grupos terroristas podem ser denominados como Jihadistas? A Jihad ainda existe?
A Jihad é uma obrigação de todo muçulmano?



ALCORÃO
livro sagrado da
religião islâmica

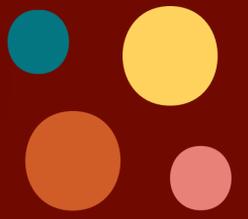
Para o Islã, o Alcorão não é apenas um livro sagrado ou uma orientação religiosa, como é a Bíblia para os cristãos. A religião muçulmana não reconhece o poder legislativo humano, sua lei é exclusivamente baseada nos escritos do Alcorão. Obviamente, essa lei poderia ser vista de modo diferente, de acordo com as interpretações. Deus é o soberano tanto na religião quanto no Estado. Segundo o Islã, o indivíduo é o mesmo na Igreja, na vida pessoal e na profissional, desse modo, não haveria motivo para existir orientações diferentes do Alcorão.

A Charia é aceita pelos muçulmanos como de origem divina e regula todos os aspectos da vida humana: civil, comercial, criminal, constitucional, bem como matérias que dizem respeito mais especificamente à religião no sentido limitado e cristão desse termo (Lewis, 2002, p. 116).

Você sabia?

Para o historiador Bernard Lewis (2002), Jihad significa empenho ou esforço. É uma palavra citada várias vezes no Alcorão, e, em muitas interpretações, o seu sentido é voltado para o de luta armada e esforço moral. A Jihad só podia ser realizada a partir do “caminho de Deus” e não pela obtenção de ganhos materiais. A palavra Jihad é conhecida pelos não muçulmanos como “guerra santa”, porém, ela não pode ser traduzida apenas em uma palavra. Dentro do conceito de modelos de guerra cabe dizer que ela é santa, mas, segundo o islamismo, não é. Para o islamismo, a Jihad não precisa de uma justificativa para existir, como a guerra necessariamente precisa, pois ela acontece em duas circunstâncias: A Jihad interna ou Jihad maior (al-jihad al-akbar), e a Jihad defesa ou Jihad menor (al-jihad al-asghar). Essa primeira diz respeito a conduta do muçulmano; é o modo como ele enfrenta seu dia a dia, seus problemas, é a forma de lembrar sempre dos ensinamentos de Alá. Em outras palavras, é o modo de diminuir ao máximo (ou não praticar) os pecados. Pode-se dizer que essa é a principal Jihad, pois ela determina se o indivíduo poderá realizar a Jihad defesa. Aquele que não pratica a Jihad interna não tem o direito de efetuar a Jihad defesa contra os outros.

VOCÊ SABIA?

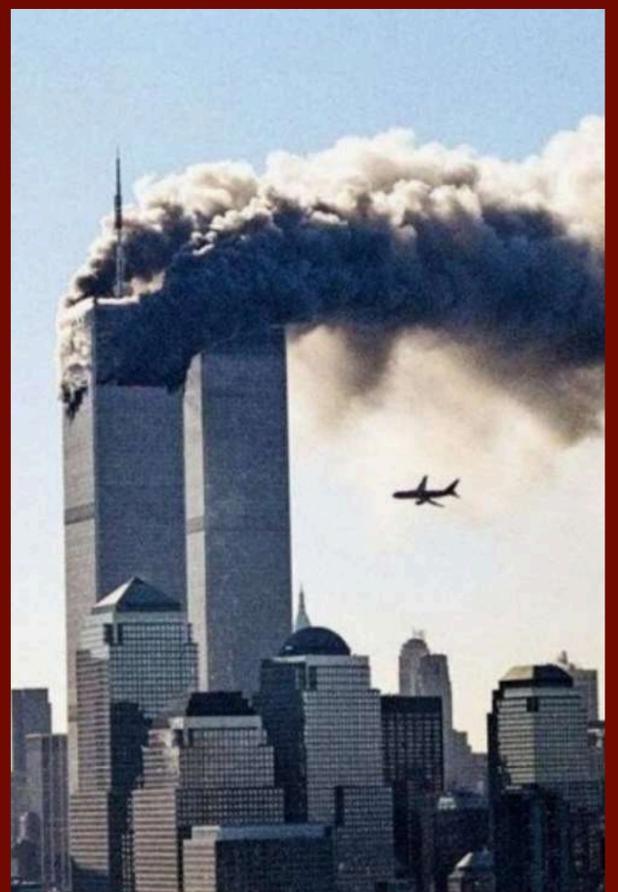


A Jihad defesa é exercida, como o próprio nome diz, em autodefesa. Acontece quando a segurança do muçulmano está ameaçada, podendo ser realizada apenas contra infiéis. Ela é permitida apenas em três condições: teria autenticidade se fosse realizada sob um governo islâmico justo; não poderia matar velhos, crianças, mulheres e inocentes; e, em última instância, só poderia ser realizada em posição de defesa. Esse segundo sentido de Jihad, de acordo com Albert Hourani (2006), é uma obrigação, tal qual os próprios cinco pilares do Islã.

A Jihad também é caracterizada como uma guerra contra os que ameaçam a comunidade, ou seja, era um movimento de defesa. Pode-se constatar que, após a expansão do Islã, a Jihad se firmou mais como um modo de defesa do que como de expansão.

CURIOSIDADE

Os grupos terroristas não podem representar a Jihad, pois ela não pode acontecer sem o consentimento do Estado, e a principal característica de grupos terroristas é a autonomia em suas ações. O terrorismo também não pode ser Jihad porque pessoas inocentes são usadas como reféns para a demonstração de crueldade.



PARA REFLETIR

Por que a guerra do Islã é considerada terror e a do Ocidente não? Por que o Ocidente é visto como a vítima e o Oriente como bárbaro? Até que ponto a história favorece um e prejudica o outro? O Ocidente contribui para o desenvolvimento do terrorismo?

Pode-se dizer que o evento do 11 de setembro de 2001 (entendido como um ataque terrorista que ocorreu na cidade de Nova York, nos Estados Unidos, e dois prédios foram derrubados de forma proposital pela colisão de aviões) trouxe um interesse pelos povos islâmicos, pois, segundo a história, o ataque aconteceu por meio de terroristas seguidores da religião islâmica. A partir disso, muitas pessoas começaram a pensar que todos aqueles que seguissem a religião islâmica poderiam ser terroristas. O problema estava claro: o preconceito contra os seguidores dessa religião foi imenso. Por conseguinte, surgiu uma necessidade das nações ocidentais (Estados Unidos principalmente, por ser o país que sofreu o atentado) em se vingar desses povos, como se todos fossem culpados; lembrando, assim, os discursos pregados nas Cruzadas durante a Idade Média, isto é, combater os povos “infiéis”.

O depoimento do ex-presidente estadunidense George W. Bush após o 11 de setembro de 2001 trouxe um novo alerta. Com uma justificativa em nome da “paz mundial”, Bush propôs uma “cruzada mundial contra o terror”. O resultado dessa declaração foi imediato e trouxe bastante polêmica - tanto para o Ocidente quanto para os povos islâmicos. Posterior a essa declaração, Bush se redimiou, dizendo que não poderia ter utilizado tais palavras. Aqui o presidente Bush traz de volta a Idade Média, período no qual o Ocidente cristão entra em combate com o Oriente islâmico, ou seja, utiliza uma guerra com narrativa religiosa com intenção política. Assim sendo, o evento do 11 de setembro acabou sendo a desculpa necessária para retomar o discurso sobre os povos islâmicos, alegando que o inimigo estava de volta e que precisava ser combatido.

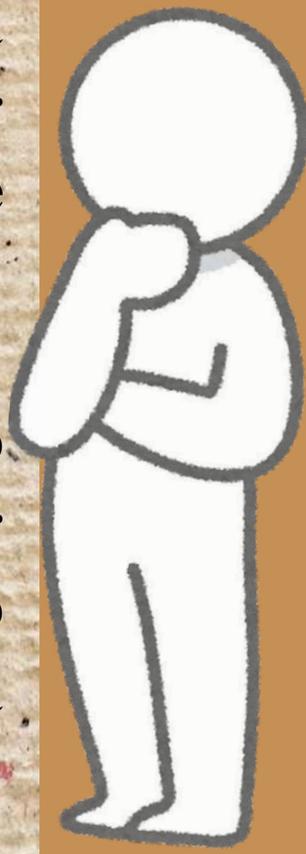
Você sabia?

O termo “islâmico” se refere aos seguidores do Islamismo, religião monoteísta criada no século VII d.C. por Maomé, na região da península arábica. Hoje o Islamismo conta com seguidores por todo o mundo. Portanto, islâmico é todo praticante da religião islâmica, assim como os seguidores do Cristianismo são chamados de cristãos e os fiéis do Judaísmo são conhecidos como judeus.

Muçulmano é todo indivíduo que pratica a religião islâmica.

Árabe se refere a uma etnia caracterizada pela língua árabe. Assim, todos os povos que têm a língua árabe podem ser chamados de árabes. Por exemplo: iraquianos, egípcios, marroquinos, entre outros.

Nem todo árabe é muçulmano/islâmico, já que isso diz respeito a uma etnia, portanto, podem existir árabes que seguem outra religião. Logo, nem todo islâmico é árabe, pois existem adeptos dessa religião em todo o mundo!



CURIOSIDADE:

O Islã era rico, tanto economicamente quanto culturalmente, sendo considerada a maior potência do mundo. Superava os cristãos em vários campos, como Astronomia, Medicina e Matemática. Com as Cruzadas e a interação por meio do comércio, o Ocidente soube aproveitar todo o conhecimento islâmico. No entanto, devido à conservação dos costumes e por conta da inflexibilidade, o Islã não acompanhou as mudanças do mundo moderno, o que fez com que seu sistema ficasse defasado.

O CONCEITO DE GUERRA SANTA

O termo Guerra Santa, por si só, parece ser uma contradição, afinal, como pode uma guerra (na qual pessoas morrem e sofrem) ser santa (ideia relacionada à virtude, bondade, paz)? No entanto, vamos analisar esse conceito na perspectiva do historiador e especialista no assunto: Jean Flori.

Inicialmente, a noção de Guerra Santa baseia-se em características de santificação, não estando diretamente ligada aos interesses nacionais. A Guerra Santa tinha como premissa as recompensas espirituais (Flori, 2013, p. 277).

As Cruzadas foram Guerras Santas?

As Cruzadas possuem todas as características de uma guerra santa, visto que foi pregada por um papa, desenvolvida pelos fiéis e legitimada pelos cronistas por muito tempo. Além disso, foi realizada por meios militares, mas com justificativas genuínas de retomar lugares que os cristãos se consideravam donos, como igrejas da Espanha, a Terra Santa e o Santo Sepulcro. Nas Cruzadas, a autoridade do papa sobressai a de qualquer rei ou príncipe; ele falava em nome de Cristo, a fim de libertar e devolver aos cristãos, seus filhos, os locais sagrados. Já não era mais na perspectiva de interesses políticos ou do Estado.

A Jihad é uma Guerra Santa?

No que tange a Guerra Santa na perspectiva da Jihad, as primeiras conquistas muçulmanas foram realizadas em nome da nova fé. A conversão de povos árabes e tribos politeístas começou com a perspectiva de conquista pela fé, assim, aqueles que não se convertiam eram punidos por meio da Guerra Santa. A Jihad tinha como objetivo maior a conquista de território que não era dos Islãs. Nessa perspectiva, era válido atacar e matar aqueles que não se convertiam. Os politeístas eram obrigados à conversão, já os religiosos monoteístas, como judeus e cristãos, poderiam continuar praticando sua fé em suas terras conquistadas, desde que respeitassem as leis e a autoridade islâmica (Flori, 2013, p. 358).

SEMELHANÇA ENTRE AS DUAS: CRUZADAS E JIHAD

Ambas tinham como premissa a “guerra sacralizada, destinada à soberania a seu Deus e do domínio dos territórios assim conquistados a seus crentes” (Flori, 2013, p.358). Tanto na Jihad quanto nas Cruzadas, a expedição armada com perspectivas de conquista de bens materiais, recompensas espirituais e martírio por aqueles que foram mortos durante as expedições contra os inimigos e infiéis eram características legítimas. Além disso, ambas se aproximam conceitualmente na ideia de valorização da guerra como instrumento divino.



DIFERENÇA ENTRE AS DUAS: CRUZADAS E JIHAD

O principal ponto é sobre a tolerância dos islâmicos em relação aos judeus e cristãos, algo que não acontecia no Cristianismo. A justificativa de tal condescendência se dá na própria origem do Islamismo, pois, quando o profeta Maomé recebe a mensagem de Allah, o Cristianismo e o Judaísmo já existiam. Assim, os islâmicos eram como crentes incompletos e o Islamismo seria a última religião a receber a mensagem de Deus, por isso tal proteção a eles em territórios conquistados (Flori, 2013, p. 359).

Enquanto a Jihad prevê a conquista, as Cruzadas almejam a reconquista. A Jihad prevê expansão, isto é, estender o território da fé a partir de lugares que formam o seu cerne, como “Meca, Medina, Jerusalém” (Flori, 2013, p. 359). Já as Cruzadas, ou Guerras Santas, almejavam lugares vulneráveis historicamente, por serem lugares santos de outras religiões. A Jihad era originalmente da religião muçulmana, já “a guerra santa não era no cristianismo” (Flori, 2013, p. 360). A Guerra Santa cristã era tardia em relação à Jihad, uma diferença de cerca de mil anos, e, ao mesmo tempo, feria a doutrina primitiva da Igreja e do Evangelho.

As Cruzadas eram essencialmente santas no momento em que têm como premissa a libertação de um lugar santo por excelência; e para isso valia de tudo: votos, remissão de pecados, indulgências, conquistas materiais, título de martírio, entre outros. As Cruzadas, então, podem ser definidas como “uma guerra santa que tem por objetivo a libertação de Jerusalém” (Flori, 2013, p. 360). O sentido de Jihad aparece como um processo de luta, além de melhoria pessoal e coletiva em nome de sua religião e do seu profeta, podendo utilizar dos instrumentos para difundir seus objetivos em todas as regiões. Em outras palavras, a Jihad tem garantia pela ordem religiosa desde o seu início, enquanto as Cruzadas aparecem na perspectiva de estabelecer uma moral, por isso o discurso espiritual ganha tamanha força para o desenvolvimento de uma reconquista.

Para terminar, as Cruzadas são, de fato, uma Guerra Santa, assim como a Jihad, mas é preciso reconhecer que cada uma tem seu devido lugar e que elas são originalmente distintas. Cada uma tinha seus objetivos e seus métodos. As Cruzadas deixam de ser algo exclusivamente europeu, transformando-se em exemplo e inspiração para outros países cristãos ocidentais. Não mais representam apenas a religião cristã em si, mas o Ocidente e a imposição moral da Europa e das regiões formadas a partir do legado europeu moderno. As Cruzadas foram abraçadas por outra estrutura da sociedade, isto é, no campo político, e é por isso que essa memória conseguiu viver por todos esses anos, continuando mais viva do que nunca nos discursos, na ideologia ocidental, na perspectiva de progresso e concepção de guerra legítima.

AFINAL, EXISTE GUERRA SANTA NA IDADE CONTEMPORÂNEA?

Na contemporaneidade, a religião cristã, mesmo tendo certa autoridade e respeito para intervir em muitas esferas da sociedade e ter sido a responsável por ter, de fato, iniciado esse conflito entre o Ocidente e o Oriente, mantém-se consideravelmente neutra em torno desses problemas atuais. O motivo parece óbvio: hoje, esse conflito não está diretamente ligado à religião. A disputa não está pautada em saber qual é a religião mais verdadeira, o conflito hoje se dá por questões políticas e de cunho econômico.

Isto se torna pertinente e presente principalmente no que diz respeito aos avanços da direita no mundo no final da década de 2020, período no qual surgem figuras políticas do lado Ocidental, como Donald Trump, nos Estados Unidos, e Jair Messias Bolsonaro, no Brasil, ambos com discursos prontos, relacionando suas candidaturas aos discursos supremacistas e cristãos, sempre utilizando da perspectiva religiosa como um escudo para se dizerem detentores da moral e da verdade – portanto, prontos para uma suposta “missão”, fundamentados em eliminar um inimigo em comum. Seguindo esta perspectiva, quem iria ser contra os discursos de candidatos que falam de Deus acima de tudo?

Pensando na sociedade atual, parece ser estratégico e óbvio o que esses dois ex-presidentes e diversos outros candidatos fazem: utilizar desses discursos para conseguir apoiadores. Ou seja, esses representantes sabem muito bem da carência social, política, educacional e econômica da população, e se aproveitam da situação para almejar os seus respectivos objetivos.

VALE A PENA SABER!

Segundo o historiador Carlile Lanzieri Júnior (2021), apesar de parecer não haver conexão entre essas duas temporalidades (Idade Média e Idade contemporânea), principalmente por sua distância temporal, a relação de ambas parece viva no que tange o uso de discursos, imagens e na íntima relação entre religião e política, além da sua influência em escolhas individuais e coletivas. Este autor observa a relação entre a abordagem medieval vinda desses grupos, considerados de extrema-direita, dentro da política contemporânea. Lanzieri (2021) ainda ressalta os instrumentos e recursos utilizados para espalhar essas ideias: rede sociais - como WhatsApp, Facebook, Instagram, YouTube, entre outras. Ou seja, é por estes meios que são dissipadas as ideias eurocêntricas, como a valorização dos combates, guerras e usos de armas no modo de produção capitalista como o único meio capaz de trazer a “prosperidade” econômica e social, através do “trabalho duro”, além do uso da religião cristã, do padrão das famílias, e do papel do homem branco enquanto cidadão de bem e detentor da verdadeira e legítima moral.

As imagens a seguir demonstram como o sentido de Cruzada e Guerra Santa são usados nos dias de hoje:

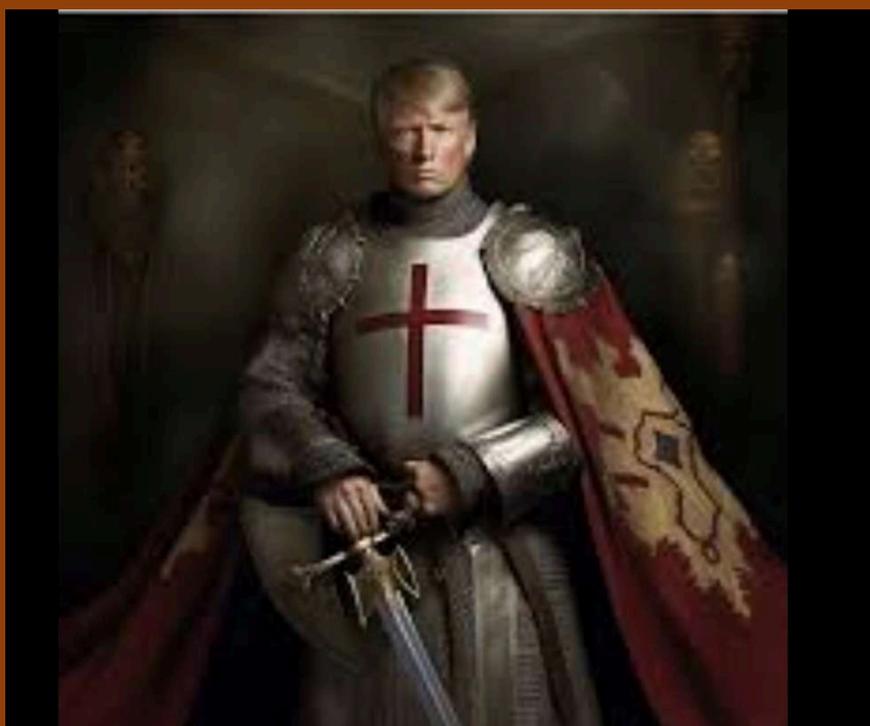


Imagem retirada das redes sociais representando o ex-presidente estadunidense Donald Trump vestido como um cavaleiro das Cruzadas.

Outra imagem retirada das redes sociais representando o ex-presidente brasileiro Jair Messias Bolsonaro vestido como um cavaleiro das Cruzadas carregando a bandeira conhecida como “Brasão das Armas”.



Já essas duas imagens também foram retiradas da internet e representam pessoas utilizando os símbolos das Cruzadas (a cruz vermelha e a armadura medieval) durante uma suposta manifestação.

Como vimos, a história medieval foi utilizada em outras temporalidades históricas, como os regimes totalitários da Segunda Guerra Mundial na Europa, a exemplo dos regimes facista e nazista. Deste modo, os problemas da construção da Idade Média e seus reflexos no mundo contemporâneo são evidentes.

O termo “medievalismo” acaba por ser a forma como a Idade Média é representada nos tempos atuais, uma espécie de reapropriação do período. Nesse sentido, apesar de necessárias, essas reflexões e conexões são pouco debatidas no Brasil e em outros países do Ocidente, mas nem por isso deixam de ser utilizadas e justificadas.



PARA CONCLUIR!

O problema não está somente no contexto religioso, como a deslegitimação e a marginalização da religião islâmica, ou de religiões de matriz africana, mas também está em excluir qualquer grupo, comunidade e pessoa que seja diferente dos parâmetros ocidentais, capitalistas e cristãos. Hoje a problemática vai muito além desta concepção religiosa (o que já seria, por si só, um problema gravíssimo), ela está embutida na mais profunda tentativa de diminuir, dominar e impor um padrão na sociedade, sendo assim, os grupos que tiverem quaisquer características distintas a essas serão excluídos ou até mesmo eliminados.

Não é correto estabelecer costumes e modelos de vida para uma sociedade mundial tão vasta e diversa quanto a nossa, mas, aos poucos, esses padrões são introduzidos através das mídias sociais, veículos de comunicação e nos discursos públicos e privados de tais narrativas.

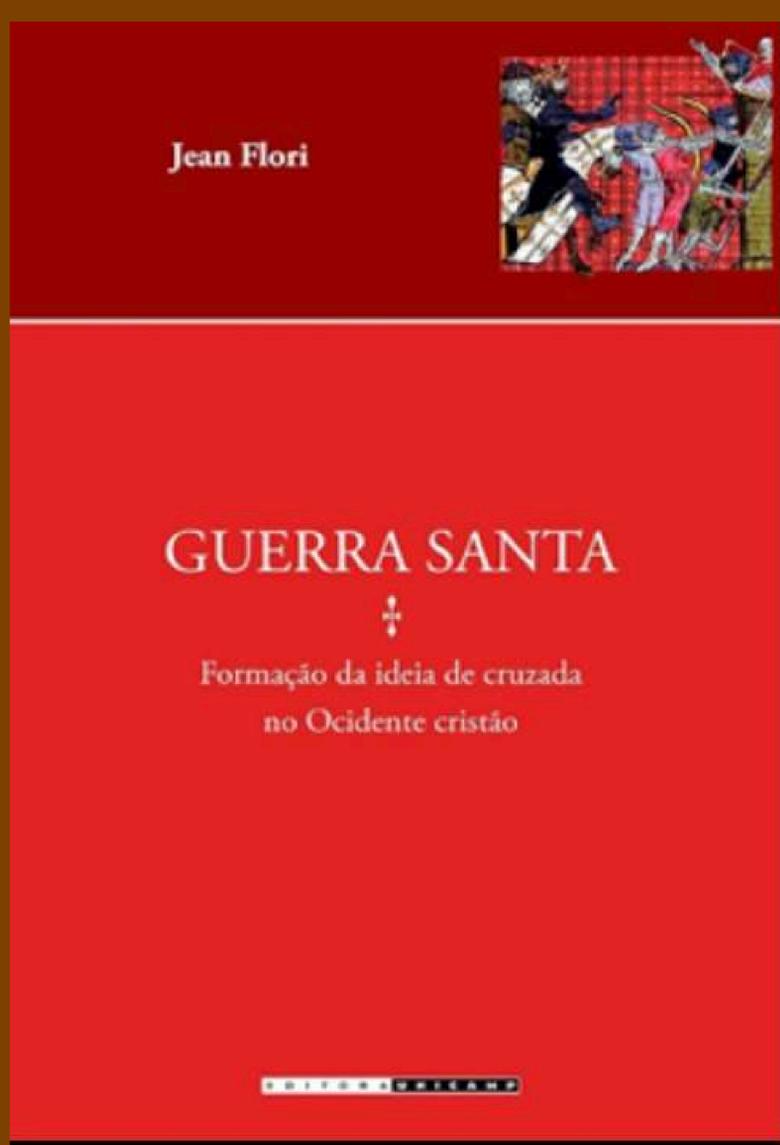
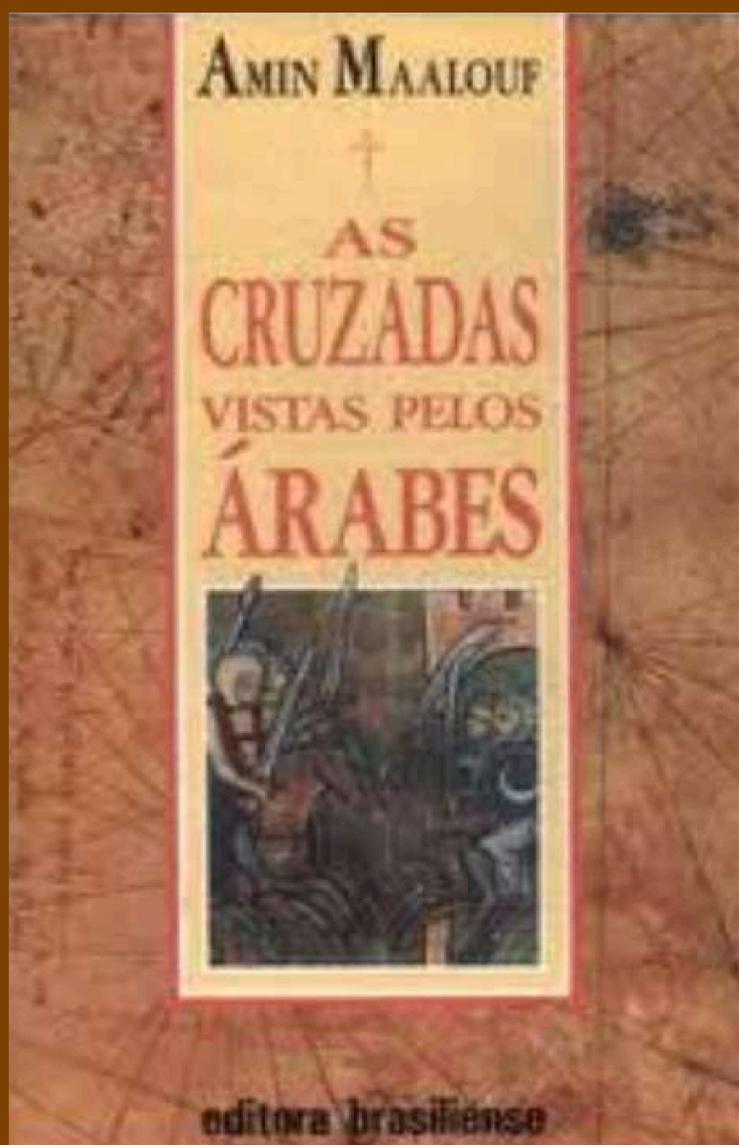
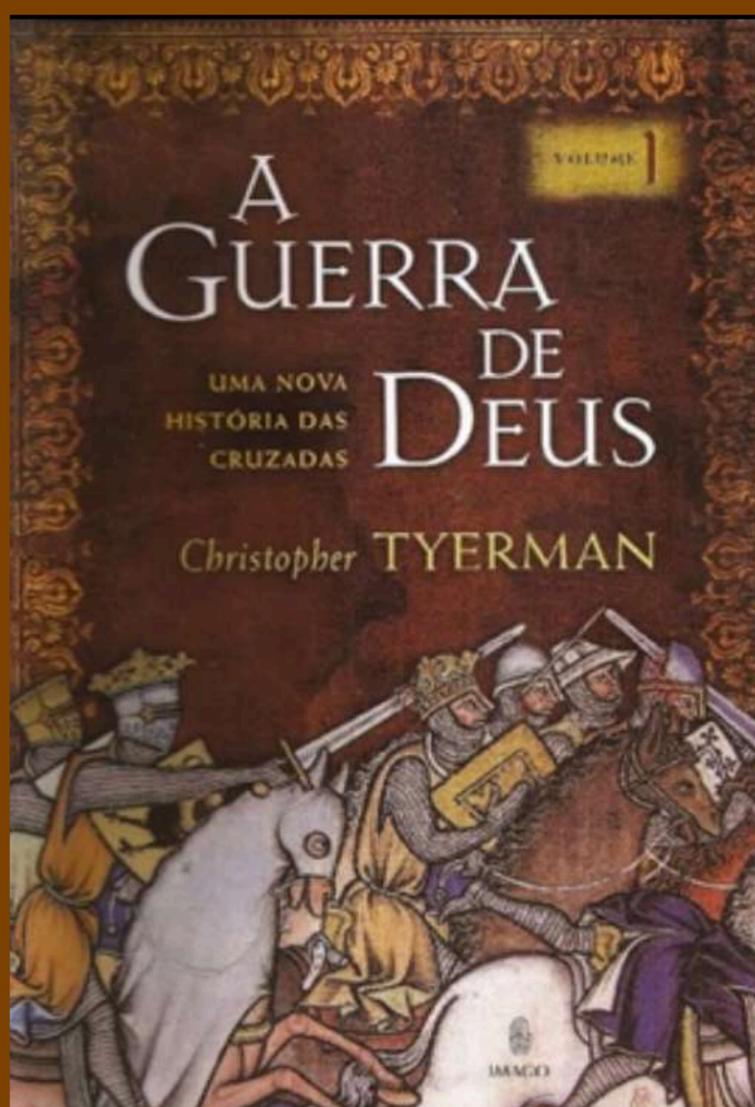
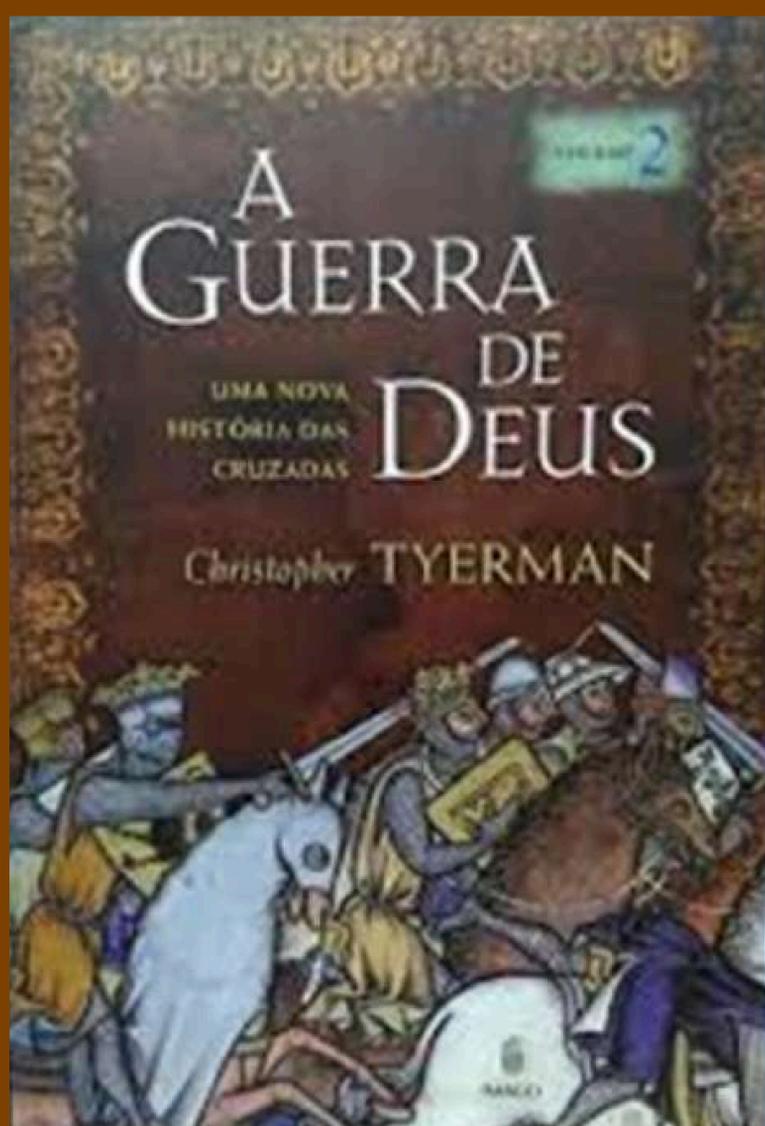
CONCLUSÃO

Como vimos, a história das Cruzadas contribuiu para impor um modelo de padrão a ser seguido através do imperialismo e da noção de progresso e civilidade ocidental, até mesmo passando por cima de religiões e culturas para se estabelecerem. Ela se tornou conveniente no momento em que postula uma história vencedora que abastece discursos e ações. Os escritos em torno das Cruzadas possibilitaram colocar o Ocidente em protagonismo em relação ao Oriente e a tudo aquilo que foge dos seus padrões e princípios. Mesmo que a guerra na atualidade não seja vista com bons olhos, a guerra que o Ocidente propõe sobre qualquer grupo não precisa ser justificada para acontecer, ou seja, em todas as situações ela será válida e legítima. Hoje o termo Guerra Santa não representa mais apenas a guerra contra o Oriente ou contra o Islã, ele é usado nos discursos de direita e de extrema direita para todos aqueles que questionam, investigam, se opõem ou resistem a seguir e acreditar em suas imposições.

INDICAÇÕES



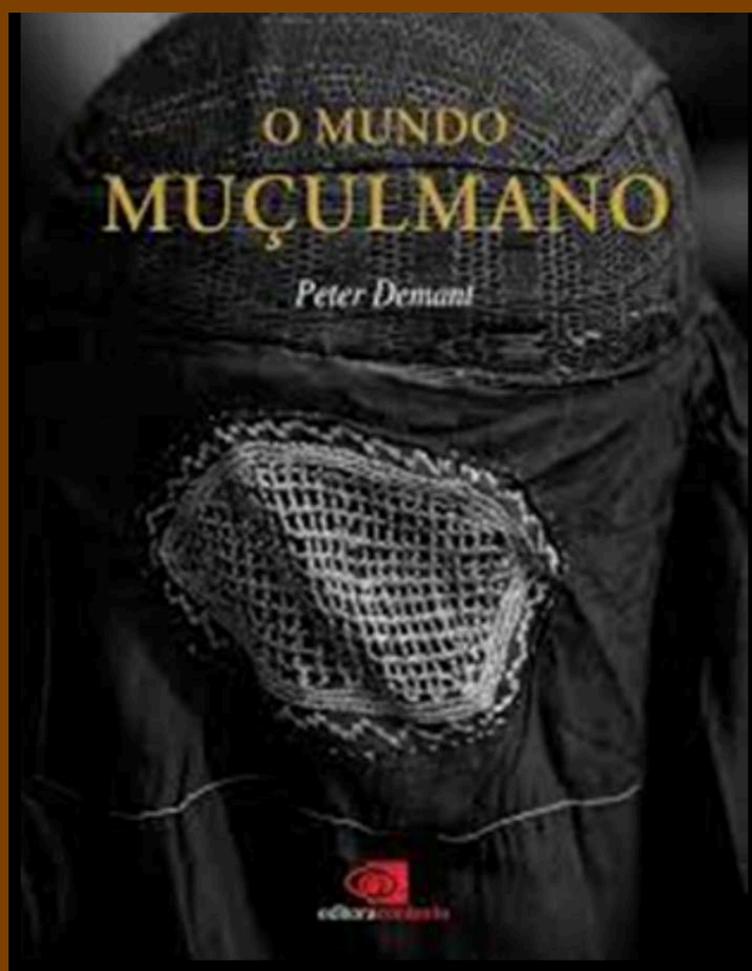
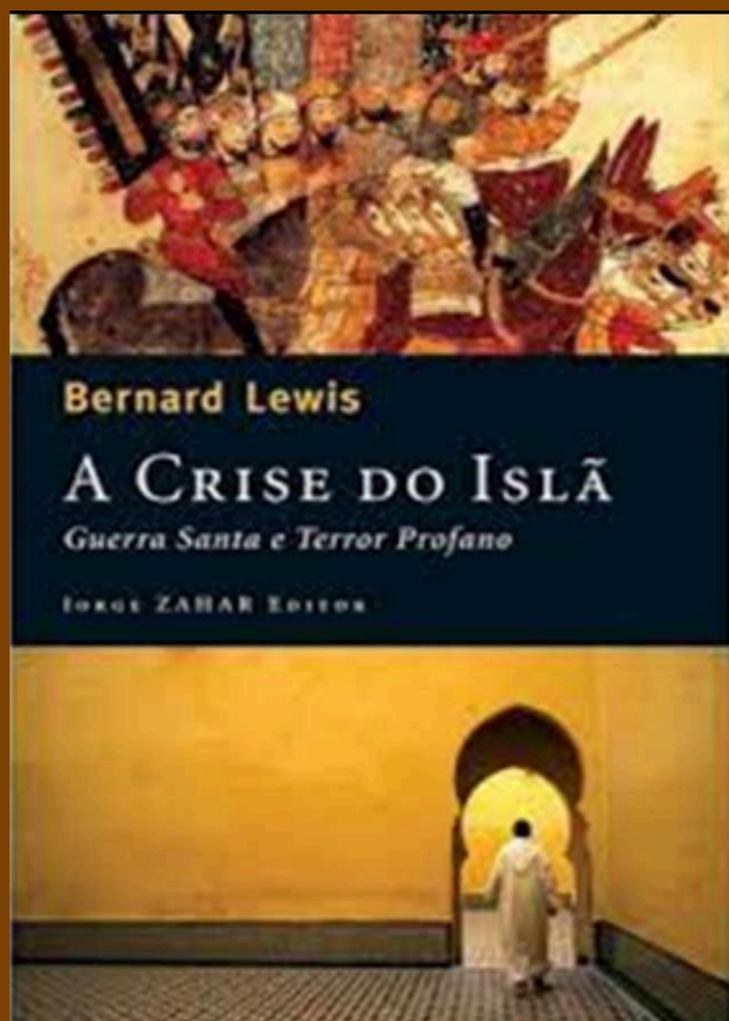
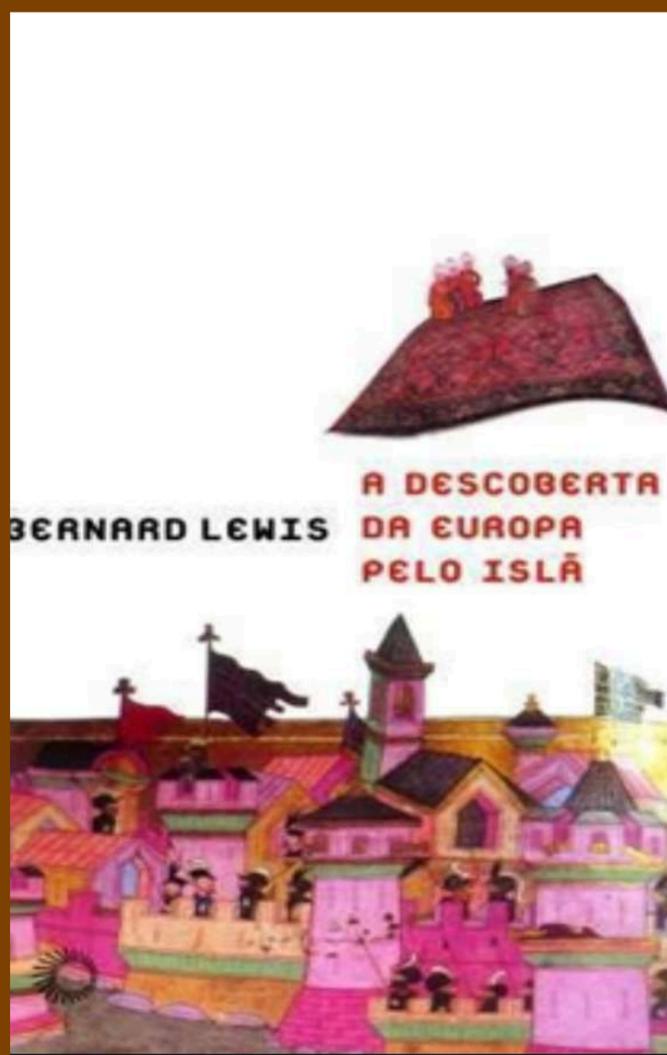
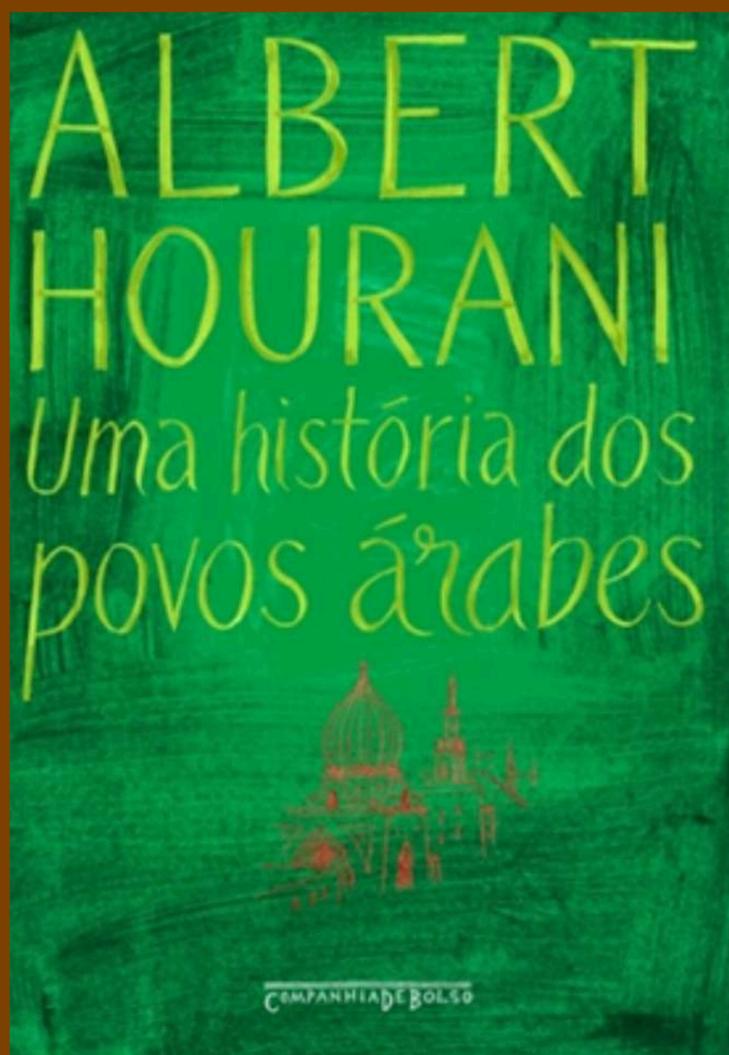
Livros para compreender
a Guerra Santa, as Cruzadas e a Jihad



INDICAÇÕES



Livros para compreender
a Guerra Santa, as Cruzadas e a Jihad



REFERÊNCIAS

FLORI, Jean. Guerra Santa: Formação da Ideia de Cruzada no Ocidente Cristão. Tradução de Ivone Benedetti. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

GUERREAU, Alain. Para uma teoria do feudalismo. In: O feudalismo – um horizonte teórico. Lisboa, PT: Ed. 70, 1980.

HERRERA, Alejandro. Discurso de George W. Bush 20-09-01. YouTube, 24 dez. 2013. Disponível em: <https://youtu.be/7uODYQKAVDg>. Acesso em: 20 abr. 2024.

HOURANI, Albert. Uma história dos povos árabes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KEEGAN, John. Uma história da guerra. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LANZIERI JÚNIOR, Carlile. Cavaleiro de Cola, Papel e plástico: sobre os usos do passado medieval na contemporaneidade. Campinas, SP: D7, 2021.

LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. Dicionário temático do ocidente medieval. São Paulo: Edusc, 2002.

LEWIS, Bernard. A crise do islã: guerra santa e terror profano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LEWIS, Bernard. A descoberta da Europa pelo islã. São Paulo: Perspectiva, 2010.

LEWIS, Bernard. O que deu errado no Oriente Médio? Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

LEWIS, David Levering. O islã e a formação da Europa de 570 a 1215. São Paulo: Amarilys, 2009.

TYERMAN, Christopher. A guerra de Deus: uma nova história das cruzadas. Vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

TYERMAN, Christopher. A guerra de Deus: uma nova história das cruzadas. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 2010.

TYERMAN, Christopher. The Debate on the Crusades. Manchester, UK: Manchester University, 2011.